



Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai - IDEAU



REI

REVISTA DE EDUCAÇÃO DO IDEAU

Vol. 6 – Nº 13 - Janeiro - Julho 2011

Semestral

ISSN: 1809-6220

Artigo:

A APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA: Um novo olhar

Autor:

Márcia Edilaine Manente¹

¹ Professora com Licenciatura Plena em História pela UPF. Trabalha há 21 anos com regência de classe na disciplina, nas séries finais do Ensino Fundamental e Médio na Escola Estadual de Educação Básica Casimiro de Abreu, em Caseiros. Acadêmica de Pós Graduação da Faculdade IDEAU. BR 285 Km, 218 Nº 215. Centro, CEP: 99315-000 - Caseiros-RS
marciamanente@yahoo.com.br

A APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA: Um novo olhar

... A História é insubstituível na sua função de ampliar os horizontes do indivíduo e de fazer com que tome consciência das identidades coletivas. O seu ensino deve, contudo, ultrapassar no contexto nacional e incluir uma dimensão social cultural, de tal modo que o conhecimento do passado permita melhor compreender e julgar o presente (DELORS et al, 2004, p. 60).

Resumo: A evolução frenética da tecnologia contemporânea representa um avanço positivo para inúmeras descobertas, mas muitas vezes, ela desconsidera a importância das raízes da história como fundamento de toda a evolução. É importante reconhecer a História como uma disciplina dinâmica presente no cotidiano, colaboradora na construção da cidadania e formadora de indivíduos comprometidos, cientes e responsáveis de seu papel como ser ativo na continuidade e evolução que favoreça a melhor convivência da história humana.. O estudo da História deve proporcionar ao aluno a capacidade de dirigir a própria experiência num clima de liberdade e consciência social, num ambiente de respeito, para assim desenvolver suas potencialidades. É papel do educador promover a interação das descobertas, pesquisas e documentos do passado, com a tecnologia moderna, procurando interferir positivamente na evolução.

Palavras-chave: escola, aprendizagem significativa, História.

Abstract: The frenetic evolution contemporary represents a positive advance for many discovery lent sometimes it consider not the importance of the origin of the History as foundation of ale evolution. It is important consider the History as a dynamic discipline present in the life, collaborator make build of the citizen and make a cient, resposable and compromise man active in the continuity and evolution that favor the best sociability of the human history. The study of the history must proportionate the capacity of conduct own experience with a social conscience, liberty and respect to develop the potencial. Is obligation of the teacher promote the statement between the ancient History and the new discovery to get a positive evolution.

Key words: school, meaningful learning, History.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O momento atual exige, dos profissionais em educação, auxílio aos alunos, preparando-os para a vida como seres ativos e participativos. Assim, faz-se necessário olhar para a disciplina de História como uma importante aliada para a construção da cidadania, pois é possível, a partir dela, ampliar conhecimentos fazendo relações entre tempo e lugar, com outros povos e com outras disciplinas.

Tem-se que despertar a curiosidade, desejo, esforço e dedicação nos alunos a fim de tornar o ato de aprender prazeroso. Isso exige esforço de superação do professor e da família, seus ensinantes, que ao mesmo tempo em que ensinam, mostram valores, virtudes, dando exemplos e encorajando-os a superarem o medo, arriscarem-se, ter responsabilidade e

autoconfiança, para, com liberdade construir, descobrir e intervir no mundo. Proporcionar a oportunidade de aprender.

Para Sung (2006), liberdade, reencantamento da vida e humanização são características do horizonte utópico que nos atrai e convida a lutarmos com esperança, sensibilidade solidária, eficiência pedagógica, uma nova racionalidade e compromisso ético-político.

O estudo da História deve favorecer a integração do aluno na família, na escola, na comunidade, fazendo-o ver que faz parte de um todo que é o seu estado e seu país e que é parte integrante deles e não apenas espectador da realidade que o cerca, criará responsabilidade e consciência e assim zelará pelos bens públicos que são patrimônio sócio-culturais.

Não basta conhecer apenas a nossa sociedade, é necessário situá-la em relação às outras, no presente e no passado, identificando diferenças, analisando relações de poder entre os diferentes grupos das diversas sociedades. É preciso constatar a realidade para poder transformá-la.

Conforme Morin (2003), é preciso situar as informações e os dados em seu contexto para que adquiram sentido bem como, conhecer o todo e as partes no seu contexto, sua complexidade e seu conjunto e assim relacioná-las.

Alguns alunos têm dificuldade para entender determinado conteúdo e vislumbrar a sua importância para a vida e pensam que a História é uma disciplina chata, monótona, que estuda o passado. Por isso é preciso ressignificar o conteúdo de História de maneira que se possa perceber a presença dela na vida cotidiana, nas experiências diárias, jogos de computador e vídeo game, filmes, viagens, passeios e etc, para compreender a evolução das coisas com as quais se convive. Tudo tem a sua história e é bom a conhecê-la.

A posição do professor diante da disciplina, sua profundidade no domínio do conteúdo e a facilidade de transferir este conteúdo de forma compreensiva às experiências pessoais são muito importantes para o sucesso da sua ação. É claro que por trás desse profissional está toda a sua vida de professor, sua filosofia sobre o ato educativo, expectativas com relação ao seu trabalho, grau de responsabilidade e de envolvimento afetivo com seus alunos, como foi a elaboração de sua experiência docente, como foi preparado na sua Licenciatura e falta de recursos nas escolas. Todavia, quem trabalha no ensino deve estar empenhado em conseguir resultados na aprendizagem, mesmo com todas as deficiências e precariedades enfrentadas.

Analisando a realidade, conforme a ordem geográfica, política e social frente às necessidades psicológicas do processo de aprendizagem ou mesmo a frente dos avanços

científicos tecnológicos, é importante retomar os elementos que compõe o processo ensino-aprendizagem e repensá-los na busca por um equilíbrio. Deverão ser levadas em consideração: o saber e a vivência do aluno como ponto de partida para outros conhecimentos; o desafio, uma atitude investigatória e a criatividade na solução de problemas; o conhecimento sistematizado, historicamente acumulado e socializado; participação na construção do conhecimento como forma de exercitar a cidadania e a democracia e a figura do professor como orientador desse processo dinâmico.

Cabe ao professor utilizar-se da didática, no planejamento do ensino com conteúdos adequados, pesquisa, escolha de objetivos, técnicas e procedimentos, recursos e avaliação a fim de buscar coerência e eficácia.

Emília Ferreiro (1990) deixa claro a necessidade da reflexão da prática pedagógica frente ao conhecimento elaborado (teoria), e a busca de soluções para cada realidade, construindo com isso novas teorias.

O lugar onde os professores aprendem é na escola, fundamentalmente na sala de aula. Assim tem-se que pensar a didática como a relação entre a teoria e a prática que irá gerar um processo onde o professor analisará a sua prática como participante do processo, desenvolvendo uma análise significativa, buscando referências que embasam e transcendem a sua ação na busca de um ensino adequado a sua época e com vistas ao futuro.

Com base nas reflexões acima, considera-se este trabalho oportuno, pois busca a reflexão e a análise da prática docente para que o seu fazer pedagógico vise conhecer, compreender, interpretar e explicar a realidade, procurando alternativas significativas e criativas para superação dos novos problemas individuais e sociais.

2 HISTÓRIA E MEMÓRIA

Vive-se em um momento histórico em que a tecnologia torna as pessoas cada vez mais individualistas, presos em frente à tela de imagens. Pensa-se estar na hora de se voltar ao coletivo. Para isso, os professores têm que fazer mais de que a obrigação. Agora é um momento de interação e novas descobertas. Para Sônia L. Nikitiuk (2001) a transformação qualitativa que se almeja, passa pelo professor que se abre ao diferente, que ousa abrir espaços, que incentiva os diversos olhares sobre o objeto.

Conhecer-se o que é seu faz bem. Cuidar e respeitar a si e aos outros é tarefa que faz viver. Portanto, a abordagem dos temas deve motivar ações ainda não pensadas como

possíveis, num cenário geralmente monótono. Também se deve possibilitar que se discuta a realidade do mundo, favorecendo o exercício da cidadania.

Pode-se fazer um passeio pela praça da cidade, verificando os monumentos, nome da praça, das ruas, conversando sobre quem foram estas pessoas que deram os nomes a esses locais, para que percebam a existência e a importância da História na suas vidas. Com um calendário é possível analisar os feriados e agrupá-los em religiosos e históricos adquirindo conhecimentos a cerca deles e comparando com datas significativas para a localidade. Após a discussão e sistematização das informações coletadas pode-se produzir textos, desenhos ou outras formas de expressão do conhecimento adquirido. É preciso que o saber escolar tenha por base o saber da vida.

A busca pelo conhecimento significa que:

O saber da História com possibilidade e não como determinação. O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da História, mas seu sujeito igualmente (FREIRE, 2000, p.85).

Tudo que se fizer será resultado de experiências pessoais que se acumula, sejam elas boas ou más. As atitudes, na maioria das vezes, envolvem outras pessoas. A memória constitui o que se chama de patrimônio. É ela que é capaz de tornar importante o que para outros não existe. Lembrar situa e identifica o homem num espaço, tempo e sociabilidades. A abordagem da História local pode servir como referencial para a compreensão da dinâmica social contribuindo para a percepção do processo histórico. O acesso à memória é direito de todos, e ela deve ser resgatada.

Ao lidar com o patrimônio, o alvo são os alunos, e a preocupação é como se vai lidar com esse patrimônio herdado, pois servem para valorizar o amor próprio e as referências culturais. Ao mesmo tempo em que reforça os laços de pertencimento de grupo e afetivos. Os conceitos produzidos preferencialmente de forma coletiva, por meio de pesquisas, tornam a História instrumento de leitura do mundo e não meramente uma disciplina.

As memórias conferem significados a objetos concretos do dia-a-dia e faz conceber a materialidade dotada de sentido.

Pode-se construir a história dos alunos, com ajuda de familiares, para que compreendam que já são portadores de uma História. Da mesma forma, a construção de sua própria linha de tempo, compará-la a um varal de roupas, onde se “pendura” como referências, os fatos

importantes que marcaram a vida de cada um. Esse tipo de exercício ajuda os alunos a ter um contato maior com o seu passado, ampliar o diálogo com a família além de permitir o professor conhecer melhor seus alunos.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, por manter estreita relação com a memória, a História tem o compromisso fundamental de livrar "as novas gerações da amnésia social que compromete a constituição de suas identidades individuais e coletivas".

Nesse sentido a memória torna-se um instrumento de cidadania: ao se sentir pertencentes a um processo coletivo, há identificação e valorização dos elementos que caracterizam e cercam os seres humanos. Lembrar e destacar relações que o presente mantém com o passado, e a importância das nossas ações presentes para os eventos futuros é um verdadeiro exercício. O futuro é o resultado da construção: ao se adotar todas as informações que vem de fora, perde-se a capacidade de se adaptar à realidade.

"O poder socializador da escola não deve ser buscado tão somente naquilo que é oficialmente proclamado como sendo seu currículo explícito, mas também (e talvez principalmente) no currículo oculto expresso pelas práticas e experiências que ela propicia" (SILVA, 1992 p.80).

Outro aspecto fundamental para o despertar da cidadania é a leitura de jornais, revistas, análise de programas de televisão, entre outras coisas. Através da crítica chega-se a conclusões sobre a realidade nacional e a elaboração de conceitos da participação de cada um como sujeito da História. É importante pesquisar com os alunos em jornais e revistas a época do seu nascimento, analisando seu contexto.

A escola é o primeiro lugar onde se aprende valores. Também deverá ser o lugar de ensinar o valor da História, através da importância que ela assume na construção da identidade e na preservação das memórias individuais e coletivas.

3 HISTÓRIA E MÉTODO

A História, como disciplina, tem sido desafiada pelas provocações do uso da memória e em alguns casos confundida com ela. É a oralidade que separa a história da memória, como mediadora entre os documentos escritos e as transmissões orais, não podendo descuidar do registro lido e/ou produzido.

Sugere-se uma iniciação ao pensamento histórico, enfatizando a necessidade da leitura e da pesquisa, e não apenas por parte dos alunos como também dos professores que passam a ser mais exigidos do que no processo de ensino tradicional, e por vezes não terão as

informações solicitadas, necessitando estudo complementar. Além disso, acontece um reforço da expressão oral e escrita. Sendo importante descrever e escutar, mas também conceituar e teorizar.

É necessário que o aluno veja que a História é feita pelo povo e não só pelos heróis. Sem povo não há História e sem ele as lideranças nada podem. O aluno deve se reconhecer como agente histórico e capaz de ver o dinamismo do processo, vivenciado por ele e por outros homens.

Um aspecto ultrapassado, na metodologia do ensino, é que alguns professores ainda privilegiam a memorização o que pode levar a uma falsa aprendizagem. Em vez disso deveriam utilizar a reflexão e aquisição de hábitos de leitura e pesquisa e a utilização do livro didático de forma crítica e criativa.

Rubem Alves (2003) explicita a idéia de que só se aprende o que dá prazer e/ou o que é útil. Para ele, a educação é algo que acontece quando se vê o mundo como um brinquedo e se brinca com ele. Isso resulta em aprendizagem, sendo que o educador é alguém que mostra os brinquedos.

O educador tem o papel de ajudar o educando a constatar a realidade e compreendê-la para transformá-la. Assim sendo, é necessário o estudo da História considerar o presente um estágio atual da organização humana, que contém o estágio anterior (passado) e que continua se organizando (futuro).

Os processos de ensino-aprendizagem são satisfatórios quando se estabelece uma conexão, uma sintonia entre o professor e os alunos, uma cumplicidade gerada por alguns profissionais que se comunicam melhor que outros. Para que esta comunicação aconteça sem barreiras é aconselhável evitar-se o uso de linguagem técnica. Conhecimentos sobre questões de psicopedagogia são também muito importantes para ajudar o professor, mas há aqueles que têm muita intuição e capacidade de interagir com os alunos.

Fundamental mesmo é ter conhecimento da matéria, as metodologias normalmente utilizadas, a sua lógica e a relação com as outras ciências. Por isso a reciclagem dos professores deve começar pelo aprofundamento da matéria. Para quem conhece a matéria e vibra com ela, se comunica com os alunos, a motivação se dá de forma intrínseca, sendo importante falar da atualidade o que também ajuda os alunos a se aproximarem da matéria.

Segundo Bessegatto (2004), os professores de História, objetivam despertar o interesse nos alunos com a novidade do tema e sempre que possível problematizando-o para que ele possa construir o conhecimento. Assim a aula torna-se reflexiva pelo confronto de idéias e

opiniões existentes, onde o professor precisa de jogo de cintura para trabalhar os conceitos fundamentais e concretizar e exemplificar de várias maneiras o significado dos conceitos.

”Não podemos esquecer-nos de enfatizar um ponto sempre questionado: para que fazemos/ lemos/ aprendemos isso?” (MILDER, 2005, p.30). É preciso transcender a aula para o aluno se motivar a aprender. Atrair sua atenção despertando sua curiosidade e interesse. Deixar mais ou menos claras as metas relevantes aos alunos, o conteúdo a aprender e a atividade proposta para isto.

A motivação, como se pode comprovar, não depende só do aluno, mas também do contexto. Daí a importância de os professores avaliarem e modificarem, se preciso, a meta que suas mensagens privilegiam, já que ela define por que é relevante ao aluno fazer ou aprender o que se pede (TAPIA e FITA, 2003, p.44).

Não é possível fazer educação sem motivação, sem significado. É preciso que se proporcione ao aluno diferentes situações problemas para serem resolvidos. Permitir aos alunos que pensem, ajam, falem e reflitam. Transmitir-lhes o gosto de aprender, explicar-lhes que informação não é conhecimento e que exige esforço, atenção, rigor e vontade.

O ensino deve estar centrado na pessoa, para que ela possa ser capaz de dirigir a própria experiência, num clima de liberdade, auto-realização e consciência social, num ambiente de confiança e respeito para assim desenvolver suas potencialidades. Deve reconhecer o impacto das novas tecnologias da comunicação e informação na sala de aula como novas fontes de conhecimento, aproveitando essa riqueza de recursos para sistematizar informações, orientar discussões, preencher lacunas na aprendizagem e analisar criticamente o que foi veiculado

O processo de aprendizagem que se dá na escola, mais precisamente na sala de aula, privilegia a pesquisa como o caminho para a produção do conhecimento de maneira coletiva, no qual se inclui os professores, torna-se o espaço da comunicação dialógica (FREIRE, 1987, apud NIKITIUK, 2001).

Com os jovens ansiosos pela participação política no mundo adulto, deve haver uma orientação e acolhimento levando-se em conta sua individualidade e diversidade em todas as esferas.

Ao experimentar cotidianamente situações em que a igualdade de direitos é proposta e os adultos a respeitam, as crianças e adolescentes poderão descobrir as importantes dimensões do relacionamento social que possibilitam o estabelecimento da noção de alteridade, assim como o aprendizado dos valores que viabilizam a construção e a convivência numa sociedade democrática (SAYÃO, 2007, p.106).

Corre-se riscos de tratar a História de forma fragmentada, factual, linear, causal, evolutiva que conduz a um relativismo perigoso e aponta para a necessidade de se refletir sobre o processo de conhecimento científico e de senso comum na História.

Classificar, descobrir critérios, comparar, relacionar, diferenciar, e outras atividades mentais deverão andar juntas com o ensino de História, para serem aplicadas em diferentes situações de vida. Quanto mais relações forem feitas (de um povo, um local e um tempo para outro), mais o aluno aprende.

Nesse processo de investigação, todas as etapas podem servir para a fixação e avaliação do desempenho do aluno, as cronologias e biografias ganham sentido e não interessa a sua memorização, mas sua interrogação. Cada atividade proposta pode resultar em uma atribuição de nota.

Com esta metodologia participativa, avaliar-se-á o processo todo e não só o produto, pois os alunos serão avaliados em diferentes oportunidades. Não se quer dizer da necessidade de abolir provas com questões reflexivas, individuais. Elas continuam porque também exigem empenho e domínio do conhecimento.

Dentro do possível, deve-se exemplificar o conteúdo com documentos históricos ou obras paradidáticas, que possuem adaptações de documentos de época, ilustrações e linguagem adaptada. Com o auxílio da internet, pode-se buscar imagens, filmes, jogos e outros itens sobre assunto tratado, para reforçar a fixação. Sabe-se das dificuldades dos professores, com tempo e recursos e também das escolas, principalmente as públicas, mas pensa-se que é possível improvisar e com ajuda de todos, realizar este exercício de visualização e comparação. A partir dessas atividades programadas o conteúdo se enriquece e a última palavra deve ser a do professor, no sentido de trabalhar os conceitos ali embutidos. E o aluno, sujeito da investigação, autor de valores, ideias, palavras, discursos e textos, confrontados com os dos colegas, o construtor de seu conhecimento.

Uma metodologia interdisciplinar pode ser desenvolvida e os saberes enriquecidos por outros campos do conhecimento em atividades que proporcionem a livre expressão e um saber/fazer criativos preocupados com as questões da cidadania.

Segundo Nicolescu (1999), a abordagem transdisciplinar pode dar uma contribuição importante para o aparecimento de um novo tipo de educação, relacionada com os quatro pilares da educação, propostos no relatório da UNESCO, da “Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI”: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser.

Para Delors (2004, p.89), a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento.

A educação do futuro passa por esses quatro pilares básicos essenciais para podermos adaptar os saberes cada vez mais ampliados tendo como objetivo melhorar a vida de todas as pessoas, para o desenvolvimento e para as relações pessoais. Do começo ao fim da vida o conhecimento deve ser atualizado, aprofundado e enriquecido a fim de adaptação às mudanças do mundo.

Adquirir os instrumentos para o discernimento, poder agir sobre o meio que está inserido a fim de participar e cooperar com os outros e o desenvolvimento total da pessoa preparam-na para ser autônoma e crítica, formar seu juízo de valor e decidir nas diferentes ocasiões da vida sendo donos do seu destino.

Portanto, as ligações estabelecidas entre os conhecimentos adquiridos e a vida cotidiana geram pessoas capazes e preparadas; as descobertas despertam as potencialidades e ajudam a encontrar soluções criativas para complementar os conhecimentos; a convivência social é uma aprendizagem que deve ser exercitada todos os dias e entender que ser significa existir e descobrir as nossas convicções.

Educação é um ato político. Se algum professor julga que sua ação é politicamente neutra, não entendeu nada de sua profissão. Tudo o que fazemos, nosso comportamento, as nossas opiniões e atitudes são registradas e gravadas pelos alunos e entrarão naquele caldeirão que fará a sopa de sua consciência. Maior ou menor tempero político é nossa responsabilidade (D'AMBRÓSIO, 1996, p.85).

A educação do ser humano deve se realizar de forma integral, conforme a sua totalidade. Espera-se que o conhecimento adquirido sob esta nova concepção, venha a servir para a resolução de problemas cotidianos como para a valorização do ser humano e do trabalhador no mercado de trabalho.

É necessário rever os conteúdos e métodos de ensino para se ampliar o campo da educação para que não trate apenas dos conhecimentos e do sabre-fazer, mas que contemple a habilidade de viver juntos e a sua realização pessoal.

Dentro do processo de construção do conhecimento, acredita-se que a avaliação deve ser diagnóstica, segundo o processo de avanços no desenvolvimento da ação, do crescimento para a autonomia e competência. Está ligada aos objetivos estabelecidos, e ocorre no decorrer

do processo, com o professor prestando atenção a cada aluno, para assim ajudá-lo nas suas dificuldades. Assim:

Analisando os resultados da aprendizagem do aluno, que são fornecidos através da resposta-ativa, o professor, ao constatar algum erro, deverá proceder à revisão da aprendizagem. Através da verificação da aprendizagem dos alunos o professor tem a oportunidade de avaliar o programa de estudos e reformulá-lo, no sentido de reduzir os erros cometidos e aumentar a margem dos acertos (COTRIN e PARISE, 1981, p.317).

Este tipo de avaliação pode solicitar os conhecimentos de todas as disciplinas: a interdisciplinariedade. Todas elas são necessárias para um crescimento e para a elaboração de conhecimentos de forma crítica, uma em conexão com a outra.

É urgente que o ensino de História traga à escola novas concepções de produção do conhecimento histórico e de ensino aprendizagem. Um ensino possibilitador de uma verdadeira aprendizagem, produtor de pessoas mais criativas, críticas, capazes de autonomia intelectual.

Uma escola que se preocupe com a formação, situando o aluno no seu contexto histórico, capacitando-o para agir e transformar e não apenas para atuar e reproduzir. É uma verdadeira mudança de mentalidade, de aceitação do novo e de todas as suas conseqüências. Uma História nova, quem sabe contribuindo para a construção de um mundo melhor, que use o conhecimento para resolver a vida de todos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se que:

Percorrer o caminho e reconhecer a beleza e o mistério da vida, as suas alegrias, as suas dores, os limites e as possibilidades, e encontrar dentro de cada um de nós e no interior das relações de reconhecimento mútuo com as outras pessoas a força para continuar lutando para superar as dificuldades e construir um mundo melhor para todos e todas é encantar-se com a vida, é sentir que, apesar de tudo, vale a pena viver e lutar. Comprometer-se com a educação das novas gerações para desencantar o mundo fetichizado das mercadorias e reencantar a vida é um sentido da vida que vale a pena ser assumida (SUNG, 2006, p.157).

Muito se tem a fazer, repensar e avançar em educação. Acredita-se que haverá uma sociedade mais justa e humana, quando cada pessoa conseguir ocupar o seu espaço, exercendo a sua cidadania, desenvolvendo as relações existentes entre trabalho e educação, no contexto em que o educando e o educador estão inseridos. Formar o espírito dos jovens para a tolerância e o diálogo, preservando as tradições como sua identidade coletiva.

É uma questão de tomada de consciência, de vontade, de coragem, de oportunidade e as tomadas de consciência tornam-se urgentes e primordiais, pois da educação depende a sobrevivência da humanidade.

Observa-se o aumento da demanda por educação com fins econômicos, onde o capital humano, com qualificação profissional, se faz importante para a produtividade. Assim, a educação é um dos meios que contribui para o crescimento econômico, para a melhoria da qualidade de vida e para a consolidação de valores democráticos e éticos.

Deve-se construir uma educação alicerçada na ação-reflexão-ação, privilegiando a pesquisa e o ensino a fim de tornar os educandos capazes de superar os problemas que se apresentarão. O trabalho precisa ter coerência interna, sentido e perspectiva. Necessita-se rever constantemente nosso desempenho para um bom aperfeiçoamento profissional através da pesquisa da própria prática pedagógica e se aposta em uma educação que ajude a pessoa a ser sujeito de sua História e do meio em que vive. Para tanto seria necessário a viabilização de uma política educacional séria e responsável que atendesse às necessidades dos educandos, resgatando e promovendo os conhecimentos adquiridos no decorrer de suas vidas.

Segundo D'Ambrósio (1996), o professor deve fazer uso da ética da diversidade tendo respeito pelo outro apesar das diferenças; solidariedade na satisfação de necessidades de sobrevivência e transcendência e de cooperação com o outro na preservação do patrimônio natural e cultural comum.

O professor tem a função de ajudar o aluno a se organizar, sensibilizando-o de forma que seus sentimentos possam ser expressos, sem ameaças. Só o indivíduo pode conhecer realmente a sua experiência e esta só pode ser julgada a partir de critérios internos do indivíduo. “A avaliação de cada um de sua própria aprendizagem é um dos melhores meios pelo qual a aprendizagem auto-iniciada se torna aprendizagem responsável” (MIZUKAMI, 1986, p. 56).

Percebe-se que é preciso fazer da escola um lugar de realizações agradáveis e da educação algo que propicie ao aluno uma experiência estimulante de pensamento, reflexão, análise crítica, descoberta, auto-descoberta, discussão e de estudo de fatos relevantes, com

honestidade e rigor científico, através da pesquisa e da exploração de todas as perspectivas e situações vitais.

Precisa-se de bons profissionais, que venham contribuir para que as relações entre as pessoas e dessas com o meio, se tornem cada vez melhores. Que queiram estar com o outro. Que além da competência técnica, tenham uma visão social e política do mundo em que vivem e que queiram estar em constante evolução e aperfeiçoamento.

Os alunos precisam de atividades que fortaleçam sua ligação com a comunidade, bem como, a disposição para participarem de projetos que correspondam aos anseios dos grupos sociais dos quais fazem parte.

O conhecimento mostra-se sempre novo quando é problematizado e sendo estudado e investigado diante dos alunos. Nenhum conhecimento é considerado acabado.

Mas para isto é preciso contar com um professor que se coloca, em relação ao aluno, como um perseverante aprendiz. Quanto mais ele ama a disciplina que leciona, mais descobre, pelo estudo, os aspectos interessantes e significativos, os pontos de contato entre ela e as situações de vida dos seus alunos. Não basta dominar o conhecimento sobre a disciplina e identificar com precisão os conteúdos que serão necessários para os outros estudos que virão.

É preciso que a escola seja o ambiente em que se universaliza o saber. Onde pode se proporcionar ao educando melhores condições para a realização do ato educativo e para tanto se faz urgente melhorar as condições metodológicas do ensino, preparando-se o professor para o ensino pela competência.

A pessoa do professor é importante no ensino que desenvolva as competências, capacidades e habilidades, pois das suas ações e orientações vão depender a eficácia da abordagem metodológica para um ensino eficaz que aproxime os conteúdos das experiências de vida do aluno, reconhecimento das suas necessidades e reconhecê-lo como um ser capaz de pensar, de fazer relações e de discernir.

A metodologia deve estar próxima dos princípios da interdisciplinariedade, para evitar a fragmentação do conhecimento e deve ser um projeto comum de toda a escola. Deve contar com a colaboração dos colegas. É um trabalho em equipe, não pode haver dissonância. É um esforço em conjunto do qual fazem parte professores, pais, alunos, direção, pessoal da administração e de serviços gerais e a comunidade mais ampla.

A realidade atual vivida pelos alunos é sempre o centro de partida para o estudo de outros tempos passados, pois só assim a História tem sentido e permite que alunos e professores possam analisar seus papéis enquanto sujeitos da História na construção da nossa sociedade.

Cada professor constrói o seu projeto de vida docente, se ele ama verdadeiramente o que faz. E à medida que o constrói vai repensando sua ação em sala de aula, aprofundando o conhecimento da disciplina que leciona e assim facilitando o processo de aprendizagem de seu aluno para que sua vida seja mais construtiva e ajustada às exigências que lhe serão feitas em termos de raciocínio e resolução de problemas.

Isso envolve os conhecimentos em História na medida em que conhecer o passado, entender as experiências de vida do presente e por elas ser capaz de projetar a sua vida no futuro, inserindo-se como cidadão participativo e pensante, pronto a cooperar com discernimento e consciência, estando em dia com a cultura de seu tempo usufruindo e enriquecendo-a com as suas contribuições da vida pessoal e profissional.

Posto tudo isto, o desafio é pensar a educação do futuro, levando em conta a diversidade cultural e étnica, participação, globalização, tecnologia eletrônica, crise de paradigmas, valorização do indivíduo e sua pluralidade, os direitos humanos e o processo do conhecimento e suas finalidades. Por ele há um convite a pensar e a contribuir para a melhoria do destino de cada um de nós.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Conversas sobre Educação**. São Paulo: Verus Editora, 2003.
- BESSEGATTO, Mauri Luiz. **O Patrimônio em sala de aula: fragmentos de ações educativas**. 2. ed. Porto Alegre: Evangraf, 2004.
- COTRIM, Gilberto, PARISE, Mário. **Fundamentos da educação: História e Filosofia da Educação**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1981.
- D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Educação matemática da teoria à prática**. Campinas: Papirus, 1996.
- DELORS, Jacques et al. **Educação: um tesouro a descobrir**. 9ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2004.
- FERREIRO, Emília (Org). **Os Filhos do Analfabetismo: proposta para a alfabetização na América Latina**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. **Pedagogia da autonomia**. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- MILDER, Saul Eduardo Seiguer (Org.). **Educação Patrimonial: perspectivas**. Santa Maria: USFM - LEPA, 2005.
- MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 8.ed. São Paulo/Brasília: Cortez/Unesco, 2003.,

NICOLESCU , Basarab. **O manifesto da transdisciplinariedade**. São Paulo: TRIOM, 1999.

NIKITIUK, Sônia M. Leite (Org.) **Repensando o ensino de História**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SAYÃO, Yara. **Seriam eles indomáveis protagonistas?** In: Cadernos Cenpec/Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária. Nº 4. São Paulo: CENPEC, 2007.

SILVA, T.T. da. **O que produz e o que reproduz em educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

SUNG, Jung Mo. **Educar para reencantar a vida**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

TAPIA, Jesús Alonso& FITA, Enrique Caturla. **A motivação em sala de aula**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.